

Brasil negociará manutenção de linhas

Em reunião com bancos, Fraga e Malan evitarão pedir aumento do crédito para empresas

Dow Jones Newswires
de Nova York

Na reunião marcada para hoje entre o presidente do Banco Central, Armínio Fraga, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e representantes de bancos estrangeiros, o Brasil não deverá pedir aos credores que forneçam mais dinheiro para ajudar as empresas que necessitam de capital. Em vez disso, segundo fontes ligadas ao assunto, Malan e Fraga se concentrarão em aproveitar o que sobrou das magras linhas de crédito.

As principais autoridades de política econômica brasileira planejam se reunir com cerca de uma dúzia de bancos comerciais em Nova York para tratar da aguda redução de financiamento comercial externo às companhias brasileiras.

O nervosismo do período pré-eleitoral no País tem ampliado a aversão a uma maior exposição ao mercado brasileiro.

Embora Fraga tenha declarado na semana passada que viu sinais positivos dos bancos, fontes próximas das conversações dizem que se acredita que o governo pedirá a manutenção das atuais linhas de crédito, e não sua prorrogação. "Sob as atuais circunstâncias, é preciso ser realista. Não se pode pedir confiança, mas é preciso mostrar que você merece a confiança", afirmou uma fonte relacionada às conversações. "É uma decisão de mão dupla (...) Um lado não pode ficar sem o outro."

À espera das eleições

"Nossa postura tem sido bem articulada. Continuamos preocupados com o panorama e estamos aguardando com muita ansiedade para ver como o novo governo no Brasil vai se parecer e como será sua política antes de tomarmos qualquer decisão de longo prazo", disse Ritchie Prager, presidente

das operações latino-americanas do **Bank of America**, integrante do consórcio de bancos que vai se reunir com Fraga e Malan. "Se o que estão pedindo é a continuação de apoio ao comércio, a maioria dos candidatos articulou apoio da indústria no Brasil e o comércio é um componente muito importante, esse é um pedido razoável." O **Bank of America** reduziu entre US\$ 1,7 bilhão e US\$ 1,8 bilhão o total de seus créditos ao Brasil. No fim do segundo trimestre, o **Bank of America** tinha uma exposição de US\$ 2 bilhão no país.

Depois que as linhas de crédito comercial e outras linhas de crédito às companhias brasileiras declinaram cerca de 20% nos meses recentes, cerca de US\$ 14 bilhões continuam disponíveis

hoje às companhias locais, oferecidas por bancos internacionais, segundo o governo. O corte ajudou a exaurir dólares no mercado cambial e estimulou a debilitação do real, que já perdeu 26% de seu valor neste ano.

Situação ideal

"A melhor situação possível é a indicação pelos bancos de que manterão o novo nível menor de linhas de crédito ou o fim da redução do processo de financiamento", disse Mohamed El-Erian, que ajuda a administrar US\$ 7,5 bilhões em investimentos de renda fixa em mercados emergentes na **Pacific Investment Management**.

Um grande banco estrangeiro com operações significativas no Brasil manifestou apoio. No começo da semana passada, o espanhol **Santander Central Hispano (SCH)** anunciou que pretende manter abertas suas linhas de crédito para empresas no país.

Entretanto, apenas manter as linhas atuais pode não ser suficiente. Novos créditos, especialmente

na forma de financiamento comercial, são cruciais para resolver a atual escassez de dólares no mercado cambial local. Além disso, elas permitiram ao real ganhar força e abrir as portas para a redução das taxas de juro.

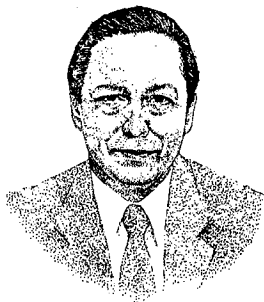
Manutenção das reservas

Lawrence Krohn, economista-chefe para a América Latina do **ING Financial Markets**, disse que se o Brasil conseguir convencer os bancos a liberar os créditos comerciais, o BC poderá manter a maior parte de suas reservas, que foram protegidas com o pacote de ajuda de US\$ 30 bilhões do Fundo Monetário Internacional acertado neste mês. "Se o desfecho for favorável e os bancos concordarem com a liberação das linhas de crédito, o mercado se recuperará, mas não será uma enorme recuperação", afirmou Krohn, citando o persistente nervosismo com as eleições.

Antes da atual crise de crédito, era comum os bancos comerciais reduzirem ou até cortarem as linhas de empresas em má situação. Hoje, a aversão ao risco é ainda maior em virtude da crise de confiança nos Estados Unidos, que tentam se recuperar do rombo causado por fraudes contábeis como as de **Enron** e **WorldCom**.

"As empresas estão enfrentando muita pressão de seus acionistas de todo mundo", disse Jim Mitchell, analista de bancos da **Putnam Lovell Securities**. Ele acrescentou que as empresas querem agora mostrar que estão diminuindo a exposição a investimentos de maior risco, e não ampliando.

Apesar de o ágio dos bônus brasileiros ter crescido bastante antes das reuniões, em cerca de 1.900 pontos básicos acima dos títulos do Tesouro norte-americanos, eles continuam a indicar aumento de receio de um calote do país.



Pedro Malan